

A PRODUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE E A PEDAGOGIA DA DIFERENÇA

THE SOCIAL PRODUCTION OF IDENTITY AND THE PEDAGOGY OF DIFFERENCE



Vol. 8 nº 16 jul./dez. 2013

p. 505-510

Nelza Mara Pallú¹

(Universidade Federal do Paraná e
Universidade Estadual do Oeste do Paraná)

RESUMO: A obra *Identidade e diferença*, organizada por Tomaz Tadeu da Silva, traz um panorama da política da identidade sob o prisma dos Estudos Culturais no cenário chamado pós-moderno. Os três ensaios apresentados no livro por Kathryn Woodward, Stuart Hall e Tomaz Tadeu da Silva, exploram os dois conceitos tomando como ponto de partida a perspectiva didática em que os principais elementos que configuram a questão da identidade e da diferença se compõem. Ao problematizar a formação da identidade e da subjetividade, os autores buscam lançar diagnósticos sobre o que leva o sujeito a preencher as posições nas quais é convocado. Diante de tais hipóteses, a importância do processo de produção discursiva e social da diferença é enfatizada para a composição de uma pedagogia da diferença para os tempos contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Diferença; Pedagogia da diferença.

ABSTRACT: The work *Identity and difference* organized and translated by Tomaz Tadeu da Silva builds up an outlook of the policy of Identity of the Cultural Studies in the called post-modern scenery. The three essays presented in the book by Kathryn Woodward, Stuart Hall and Tomaz Tadeu da Silva explore both concepts taking in account the didactic perspective in which the main elements the identity and subjectivity are formed. Questioning the identity formation, the authors search for diagnosing some hypothesis on what could take the subjects to fill some positions which they are invited to. The importance of the process of discursive production and social difference is focused in order to compose a difference pedagogy suitable for contemporary times.

KEYWORDS: Identity; Difference; Pedagogy of Difference.

(Endnotes)

¹

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, na Universidade Federal do Paraná. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Identidade e Leitura CNPq. Professora do Curso de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: nelzamara@gmail.com.

I. Introdução

Educar significa introduzir a cunha da diferença em um mundo que sem ela se limitaria a reproduzir o mesmo e o idêntico, um mundo parado, um mundo morto. É nessa possibilidade de abertura para um outro mundo que podemos pensar na pedagogia da diferença. (SILVA, 2011, p. 101)

A identidade é definida no livro *Identidade e Diferença* como relacional, pois sua existência, explicam os autores, depende de algo que lhe é externo. A identidade é marcada por meio de símbolos relativos a outras identidades e, ao mesmo tempo, caracterizada por elementos que contribuem para explicar como ela é formada e mantida. A marcação simbólica na afirmação de identidades nacionais, por exemplo, pode ser encontrada em representações como em um uniforme ou uma bandeira nacional. Tais sistemas simbólicos têm o papel de tornar possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. Nesse processo formativo, à que se levar em consideração, as diferenciações e identificações que fazem com que alguns significados sejam preferidos relativamente a outros, pelos sujeitos. Tais escolhas, estão vinculadas a uma série de elementos e condições, como sociais, materiais, históricas, teóricas e psíquicas, que operam como sistemas classificatórios necessários para a construção e manutenção das identidades. Porém, no interior de formação das representações existem contradições, as quais precisam ser negociadas entre o nível individual e o coletivo de uma sociedade, fato que torna a identidade, no entendimento dos autores, não unificada ou totalizada. Diante disso, como crítica aos ideais em várias áreas disciplinares que postulam a identidade como integral e unificada, a identidade, ou como prefere Hall “a identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção” (HALL, 2011, p. 106).

Ao preferir utilizar o termo identificação ao invés de identidade, Stuart Hall explica-nos que o faz com o intuito de enfatizar o processo de subjetivação e a política de exclusão que essa subjetivação parece implicar, a qual ele chama de “política da identidade”. Para o autor, o conceito arduo de “identificação” é um dos menos bem desenvolvidos na teoria social e cultural, na medida em que se trata de um termo que envolve um campo semântico muito complexo. Por isso, Hall acredita que seja necessário buscar respaldos estratégicos para o entendimento da identidade e da subjetividade em diferentes campos do conhecimento como da psicanálise e da linguística, porém, sem se limitar a nenhum deles.

Sendo assim, sob um amplo contexto semântico de entendimentos, os estudos de Hall lhe permitem caracterizar a identidade como o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, de um lado, os discursos e as práticas que tentam nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos. Por isso, o autor define as identidades como pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Ou seja, as identidades são as posições que os sujeito é obrigado a assumir. Sob este entendimento conceitual, os três autores no livro *Identidade*

e *Diferença* se unem para propor uma pedagogia que problematize a questão da identidade, levando em consideração a importância do processo de produção discursiva e social da diferença em tempos contemporâneos globais.

2. A produção discursiva e social da identidade

Diante da emergência de novos movimentos sociais, a identidade tem se destacado como uma questão central nas discussões globais contemporâneas e, a diferença, se apresenta como um importante elemento dos sistemas classificatórios por meio dos quais, os significados são produzidos. Woodward explica no capítulo introdutório de *Identidade e Diferença*, que a diferença surge nos processos de marcações simbólicas efetuadas nas novas sociedades, como por exemplo, na relação com o “forasteiro” nos sistemas culturais. Baseada, primeiramente, nos estudos das dicotomias saussureanas do filósofo e linguista suíço Ferdinand de Saussure (1987), Woodward defende que as estruturas classificatórias responsáveis pela organização dos sentidos à vida social e as distinções entre nós e eles, entre o fora e o centro, entre o sagrado e o profano, entre o feminino e o masculino, e assim por diante, se compõem sob a forma de posições binárias, celebrando a presença da diferença no centro dos sistemas de significação da cultura. Tomando como complementar os estudos do filósofo francês Jacques Derrida (1976), a autora explica que na relação entre os dois termos de uma posição binária se desenvolve um desequilíbrio necessário de poder entre eles. Normalmente, no caso do binarismo centro e fora, a diferença pode ser construída negativamente por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como “forasteiros”. Contudo, ela também pode ser positivamente celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo nos movimentos sociais que buscam resgatar as identidades. No pensamento derridano, a própria dicotomia é um dos meios pelos quais o significado é fixado. Derrida, explica e exemplifica que por meio dessas dicotomias é que o pensamento, especialmente europeu, tem garantido as relações de poder existentes. Para ele onde existe diferenciação, ou seja, - identidade e diferença - aí está o poder.

Segundo a tese de Derrida, o significado é produzido por meio de um processo de diferimento ou adiamento chamado *différance*, no qual o que parece determinado, é na verdade, fluido e inseguro, sem nenhum ponto de fechamento que possa sugerir uma alternativa ao fechamento e a rigidez dessas oposições binárias. Em vez de fixidez, o que existe é contingência, ou seja, o significado está sujeito ao deslizamento, à *différance*. Apoiados nessa interpretação, os autores de *Identidade e Diferença* problematizam a questão da identidade, enfatizando a diferença, e ao mesmo tempo, apontam para a lacuna teórica existente para a compreensão pedagógica da construção social da identidade necessária aos tempos atuais.

Embora a questão do multiculturalismo e da diferença tenha ocupado uma posição central na teoria educacional crítica, nos últimos anos, contudo, aponta Tomaz Tadeu da Silva, ela tem permanecido às margens como “temas transversais”. Mesmo sendo reconhecida como uma questão legítima de *conhecimento*, ainda prevalece uma ausência de uma teoria da identidade e da diferença. Silva explica-nos que o movimento conhecido

como “multiculturalismo” apoia-se em um apelo benevolente à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença. Nessa pedagogia, a posição socialmente aceita e recomendada é de respeito e tolerância com a diversidade e a diferença. Em seu ponto de vista, essa perspectiva é insuficiente para servir de base para a construção de uma pedagogia crítica e questionadora sobre a posição da identidade e da diferença, na medida em que seus preceitos se concentram na diversidade e não na diferença.

Embasado nos estudos pós-estruturalistas, a chamada “filosofia da diferença” questiona a ideia clássica de representação, mediante uma teorização sobre a identidade em conexão com a diferença. Nesse contexto, a representação é concebida como um sistema de significação, em rejeição a quaisquer conotações mentalistas, ou, de uma suposta interioridade psicológica. No entender pós-estruturalista, a representação é concebida unicamente em sua dimensão significante, isto é, como sistema de signos, como pura marca material. A representação expressa-se por meio de uma pintura, de uma fotografia, de um filme, de um texto, de uma expressão oral em forma de traços exteriores, argumenta Silva. Dessa forma, o conceito de representação, na perspectiva pós-estruturalista, incorpora todas as características de indeterminação, ambiguidade e instabilidade atribuídas à linguagem. A representação, nesse entender, não se aloja a presença do “real” ou do significado. Ela não é simplesmente um meio transparente de expressão de algum suposto referente, em vez disso, a representação é uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema linguístico e cultural indeterminado e estreitamente ligado as relações de poder. É aqui que a representação se liga à identidade e à diferença: a identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. Representar significa, neste caso, dizer: “essa é a identidade”, a “identidade é isso” (SILVA, 2011, p. 91). Para os pós-estruturalistas, questionar a identidade e a diferença é questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte.

3. Pedagogia como diferença

Para compreender as conexões entre a identidade e representação, os autores de *Identidade e Diferença* acreditam que seja necessário rever certas implicações pedagógicas e curriculares. Assim, eles sugerem que a pedagogia e o currículo sejam capazes de oferecer oportunidades para que os sujeitos desenvolvam capacidades de crítica e questionamento dos sistemas e das forças dominantes de representação da identidade e da diferença. Para tanto, a problematização dos binarismos em torno dos quais elas se organizam, se torna uma estratégia didática relevante.

Para estes pensadores, a identidade tal como a diferença é uma relação social, resultado de um processo de produção simbólica e discursiva. Porém, o processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e estabilizar a identidade; de outro os processos que tendem a subvertê-la e desestabilizá-la. Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, assim como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando, por isso, a fixação é uma tendência e ao mesmo tempo, uma impossibilidade. A teoria cultural e social pós-estruturalista tem tentado descrever ambos os processos de fixação

e de desestabilização da identidade, em temáticas como as identidades nacionais, as identidades de gênero, as identidades sexuais, as identidades raciais e étnicas.

Tomaz da Silva entende que uma pedagogia que realmente possa teorizar a cultura contemporânea sobre identidade e diferença, não pode abordar o multiculturalismo em educação apenas como uma questão de consenso para com a diversidade das culturas. Para ele, a questão envolve, fundamentalmente, as relações de poder (FOUCALT, 1977), na qual “a identidade e a diferença têm a ver com a atribuição de sentido ao mundo social e com a disputa em torno dessa atribuição” (SILVA, 2011, p. 96).

Enfim, Silva argumenta em favor de uma estratégia pedagógica e curricular, desenvolvida pelos estudos culturais recentes de inspiração pós-estruturalista, na qual a identidade e a diferença é tratada como uma questão política: a pedagogia como diferença. No centro dessa pedagogia está a discussão da identidade e da diferença como produção. Sua construção teórica visa explicar o processo de produção ao responder questões relacionadas a como a identidade e a diferença são produzidas, quais os mecanismos e as instituições que estão envolvidas na criação da identidade e de sua fixação, por exemplo. Desta forma, Silva defende a adoção de uma teoria que descreva e explique o processo de produção da identidade e da diferença, levando em consideração como estratégia, antes de tolerar, respeitar e admitir a diferença, explicar como ela é ativamente produzida.

Nessa proposta, os estudantes devem ser estimulados a explorar possibilidades de perturbação, transgressão e subversão das identidades existentes. O currículo escolar, por sua vez, deve abrir o campo para apoiar estas estratégias favorecendo toda a experimentação que torne difícil o retorno do eu e do nós idêntico: a diferença do múltiplo e não do diverso, pois, a multiplicidade estende, prolifera e dissemina, e a diversidade é um dado da natureza ou da cultura.

5. Considerações Finais

Como é possível observar, *Identidade e Diferença* é uma obra panorâmica que resgata a questão da identidade contemporânea pela perspectiva dos Estudos Culturais, mas também, sob o ponto de vista social, político e pedagógico. Na obra os autores evidenciam a necessidade de tratar a identidade como uma construção social, enfatizando a dimensão política que se apresenta na configuração da identidade nos novos movimentos sociais que surgem no cenário global. Neste contexto, a diferença é considerada um elemento central para a produção de significados e, ambos os termos - identidade e diferença -, como criaturas da linguagem, são mutuamente determinados. Por isso, a preocupação dos pensadores se concentra em desenvolver uma pedagogia voltada para a problematização da Identidade. Em uma escritura de pouco mais de cem páginas, os autores traçam contornos didáticos relacionados a afirmações da Identidade de novos grupos culturais que se tornam visíveis no cenário social.

REFERÊNCIAS

DERRIDA, J. **On Grammatology**. Baltimore/ Londres: MD/Johns Hopkins University Press, 1976.

DERRIDA, J. **Positions**. Chicago: University of Chicago Presss, 1981.

FOUCAULT, M. **Discipline and Punish**. Harmondsworth: Penguin, 1977 (Vigiar e Punir. Petrópolis, 1977)

SAUSSURE, F.de. **Course in General Linguistics**. Londres: Collins, 1978.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Recebido em 03/11/2013

Aprovado para publicação em 10/12/2013